

Sítios nucleares e a expansão da energia nuclear no Brasil

Carlos Henrique da Costa Mariz*

Nos anos de 2009 e 2010, a Eletronuclear coordenou os trabalhos de seleção de sítios nucleares no Brasil, ocasião em que o Plano Nacional de Energia (PNE 2030) sinalizava a necessidade de construção de novas usinas nucleares no país. Inicialmente, duas usinas na região nordeste, seguidas de duas na região sudeste, deveriam entrar em operação na primeira metade da década de 2020.

Esse processo de seleção contou com a consultoria da Coppe/UFRJ, do consultor internacional Paull Rizzo, dele participando também a Empresa de Pesquisa Energética (EPE) do Ministério de Minas e Energia (MME). O estudo culminou, inicialmente, com a escolha de áreas no Nordeste e no Sudeste e, posteriormente, em 40 áreas candidatas, em todo território nacional, para a construção de centrais nucleares.

O processo foi baseado em conceitos e critérios do Electric Power Research Institute (EPRI) da Califórnia, Estados Unidos, especificamente desenvolvidos para a seleção de sítios nucleares, conforme metodologia utilizada com sucesso, e que constam do EPRI Site Guide.

Naquela ocasião, dois sítios ganharam destaque: o sítio de Itacuruba no estado de Pernambuco, considerado um excelente sitio nuclear pelo engenheiro Paull Rizzo; e o sitio localizado no município de São Romão, no estado de Minas Gerais.

Nessa mesma época o engenheiro Paul Rizzo também estudou o sítio nuclear dos Emirados Árabes, onde hoje se situa a central nuclear de Barakah, com quatro reatores nucleares APR-1400, num total de 5.600 MW, cuja construção ficou sob responsabilidade de consórcio liderado pela Korea Electric Power Corp. (Kepco), da Coreia do Sul. A construção foi realizada em sequência, isto é, uma usina seguida por outra, de forma ininterrupta, caracterizando um caso de sucesso do setor nuclear, pois foi realizada dentro do prazo e orçamentos previstos. Trata-se de experiência pioneira dos Emirados Árabes cujo êxito se deve, em parte, a esse método da construção sequencial, a exemplo da França que o adotou e continua a adotar e que assim construiu as suas 58 usinas nucleares, das quais 40 em 10 anos. E o novo programa chinês prevê, dessa mesma forma, a construção de 150 novas usinas nucleares em 15 anos.

O que faltou ou falta ao Brasil para não ter avançado no desenvolvimento do seu programa nuclear? Por que estamos tão lentos? O programa de construção de renováveis e as linhas de transmissão não são suficientes, e o Brasil caminha para tarifas altas de eletricidade e insegurança energética justamente no momento que precisa crescer para se desenvolver. Temos um consumo per capita de eletricidade muito baixo, 2.500kWh/hab/ano. Precisamos de urgentes e grandes investimentos em geração de grandes blocos de energia para sair desse vergonhoso patamar, que nos coloca em péssima posição no mundo, septuagésima quinta posição em IDH – Índice de Desenvolvimento Humano.

A energia de base nuclear oferece alto fator de capacidade que independe do clima e não polui a atmosfera. Constitui alternativa fundamental para o desenvolvimento do nosso país, quer pela garantia da segurança energética, quer do ponto de vista industrial, tecnológico, educacional e de crescimento socioeconômico regional. Ademais, dispomos de grandes jazidas de urânio e dominamos todo o ciclo de produção do combustível nuclear.

Precisamos adotar, rapidamente, novos paradigmas baseados na experiência exitosa de países que já provaram que padronizar e construir em sequência, seguindo um programa de construção em sítios pré-definidos, é a base comprovada para o sucesso para a construção de novas usinas nucleares.

O recente Plano Nacional de Energia 2050 (PNE 2050) sinaliza a expansão de mais 10.000 MW de novas nucleares nos próximos 27 anos. Viabilizar essa meta significa seguir esse novo paradigma construindo 10 novas usinas de 1.000 MW nesse período. O tempo é curto. Portanto, é urgente a aprovação dos novos sítios nucleares, já estudados, e iniciar o processo de construção nos novos moldes com baixo custo e dentro dos prazos pré-estabelecidos.

A energia nuclear será um grande vetor para colocar o Brasil de volta à sua rota de crescimento, como todos nós brasileiros almejamos. Precisamos participar do novo ciclo de expansão mundial. É também indispensável uma grande campanha de esclarecimento junto à nossa população da grande segurança oferecida pela moderna tecnologia empregada nas usinas nucleares e de todos os seus benefícios. É preciso deixar claro para nossa população, através de boa comunicação, da grande segurança das usinas nucleares e de todos os seus benefícios, inclusive a contribuição no combate ao aquecimento global e a poluição atmosférica.

O Brasil, com mais de 203 milhões de habitantes, está na péssima posição de nonagésimo lugar em PIB/per capita, o que torna, pelo que foi dito, mais do que urgente que os importantes decisores do país se mobilizem para viabilizar o novo e necessário programa nuclear brasileiro.

*Presidente da Associação Brasileira de Energia Nuclear (Aben) no biênio 2021-2022.